

**Em defesa da cultura e do lazer – experiências culturais dos trabalhadores urbanos em
Camocim - Ceará. 1930-1970.1**

CARLOS AUGUSTO PEREIRA DOS SANTOS*

Introdução

Em 24 de maio de 1934, o Jornal *A Razão*, editado em Camocim-CE trazia uma pequena nota com um resumo do estatuto do Centro dos Ferroviários da Estrada de Ferro de Sobral, cujo programa de forma resumida era a: *1º. Defesa da classe; 2º. Cultura; 3º. Luta social*".² Numa primeira observação, atentar para a inclusão do termo *cultura* como norma estatutária. Embora não se tenha maiores informações sobre este centro, pensamos ter sido pelo menos uma tentativa dos trabalhadores de defender essa questão, se não apenas como um direito, mas também de possibilitar à classe ferroviária momentos de lazer, dentre os divertimentos proporcionados pelos clubes da cidade, nem sempre abertos ao acolhimento dos mesmos.

Por outro lado, o texto pretende mostrar que os estudos históricos sobre a cultura no mundo do trabalho são possíveis fora das grandes demarcações historiográficas que alimentam o debate sobre a história dos trabalhadores no Brasil. Digo trabalhadores, posto que, por muito tempo, o foco sobre esta parcela da população brasileira esteve restrita ao próprio movimento operário, ao sindicalismo, à imprensa operária, dentre outros temas visitados e revisitados por sociólogos e historiadores, principalmente.

Logicamente que esta predisposição para se concentrar, no centro-sul do Brasil, a história dos trabalhadores brasileiros e, por conseguinte, a sua historiografia, teve muito a ver com o desenvolvimento industrial aí verificado em relação às demais regiões, cuja diferença em termos de postos de trabalhos e a própria produção era abismal.

1 Com algumas alterações, inclusões e novas abordagens, esse texto é fundamentado no capítulo IV da Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, defendida em março de 2008 com o título: “Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE.1920-1970”.

*Professor Doutor em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral-CE.

2 Jornal *A Razão*, ano IX, nº 367. Quinta, 24 de maio de 1934. Camocim-CE.

Entretanto, as relações de trabalho, as peculiaridades da formação de um operariado, ou mesmo a percepção de trabalhadores organizados em categorias profissionais, independe dessa organização espaço-temporal. Se o “chão da fábrica” sulista tinha suas especificidades, as outras regiões também as tiveram.

Deste modo, pretendemos mostrar neste texto, algumas questões que vêm atravessando nosso universo de pesquisa desde o mestrado e que colocam o estado do Ceará, principalmente, no mapa dos estudos sobre o mundo do trabalho. Campo este renovado pelas pesquisas recentes, bafejadas pelas abordagens que animam a história social e cultural, que ultrapassam o cotejamento do estudo dos trabalhadores apenas do ponto de vista do movimento operário, mas que incorporam outras vertentes como a militância, o cotidiano e a cultura destes homens como entendimento de suas experiências sociais. 3

Naquele momento, o conceito de experiência thompsoniano ajudou-nos, sobremaneira, a compreender que os trabalhadores realizavam muito mais do que apenas buscar no trabalho as condições para a sobrevivência de suas famílias. Às vezes, eles se “percebiam” como classe e daí se questionavam, organizavam-se e resistiam também ao ideário capitalista. (THOMPSON, 1988). Como nos diz Peter Burke:

“[...]Thompson não se limita a analisar o papel desempenhado pelas mudanças econômicas e políticas na formação da classe, mas examina o lugar da cultura popular nesse processo. Seu livro inclui descrições vigorosas dos rituais de iniciação dos artesãos, do lugar das feiras na ‘vida cultural dos pobres’, do simbolismo dos alimentos e da iconografia das agitações sociais...” (BURKE, 2005, p.30)

Continuando nesse universo de pesquisa, em 2004, submetemos o projeto de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em História do Norte e Nordeste do Brasil da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.⁴ Concluímos, na pesquisa anterior, que o estudo de caso sobre os trabalhadores e militantes comunistas comportava outras relações, não

3 No nosso projeto de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ em 1998 essa abordagem já estava clara. Não se tratava de “resgatar” a história do Partido Comunista do Brasil no Ceará, ou mais especificamente na cidade litorânea de Camocim onde se desenvolveu importante célula do partido, mas a militância comunista e sua atuação na organização das categorias profissionais nesta cidade. Ver SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade Vermelha: a militância comunista nos espaços do trabalho. 1927-1950* Fortaleza: UFC, 2007.

4 Pesquisa iniciada em 2004 e concluída em 2008, tendo como título “Entre o porto e a estação: cotidiano e cultura dos trabalhadores urbanos de Camocim-CE. 1920-1970. Orientador: Prof. Dr. Antonio Jorge de Siqueira. Teve apoio financeiro em forma de bolsa da FUNCAP.

somente com outros tipos de trabalhadores e grupos ideológicos presentes na cidade de Camocim, mas era necessário incorporar outros conceitos para dar conta da diversidade no mundo do trabalho existente na cidade – a cultura e o cotidiano. A referência ao que sistematizara Thompson em *A formação da classe operária inglesa*, principalmente, como um dos textos fundadores do que viriam a ser os Estudos Culturais, estava muito presente no mergulho realizado nas fontes em que se procuravam indícios e o entrelaçamento destes conceitos. Para o historiador inglês, dentro da tradição marxista, digamos renovada, as práticas culturais dos trabalhadores estariam presentes neste cotidiano em que eles desempenhavam um papel central, único e diferente e faziam disso formas de enfrentamentos peculiares.

Daí que uma caracterização do espaço onde se desenvolveu a pesquisa se faz necessária. A região noroeste do estado do Ceará compõe-se hoje de 47 municípios. Sobral, situado a 240 km de Fortaleza é o principal município centralizador dos serviços básicos, principalmente, saúde e educação. Com efeito, desde o século XIX, esta primazia se efetivou com a exploração da pecuária no comércio do charque, escoada pelos portos de Acaraú e Camocim, lugar de onde partiria, posteriormente, o traçado da Estrada de Ferro de Sobral, já no ocaso do Império, no sentido de socorrer os flagelados da seca de 1877. A ferrovia, portanto, ligaria o litoral de Camocim aos sertões de Sobral, chegando até Crateús, na divisa com o estado do Piauí, tendo nessa configuração geográfica, a justificativa política necessária para a realização da obra Com o início das atividades da ferrovia em 1881, a região tomou significativo impulso. Naquele momento, estavam sendo ligados dois polos de atração econômica unindo o sertão ao litoral. Sobral, por sua posição geográfica, era ponto de confluência e escoamento da produção pecuária dos sertões vizinhos e da Serra da Ibiapaba. Camocim, sede do porto, tornava-se destino de levas de migrantes, tangidos pela seca, em busca da sobrevivência garantida por melhores ares, da possibilidade de trabalho nos trapiches, nas salinas e na pesca.

A passagem da ferrovia, por vários municípios, criou interessantes empreendimentos não somente na exploração agropecuária, mas também pequenas fábricas e um intenso comércio de importação e exportação da região com outros estados do Brasil e com o exterior. Com a cultura do algodão, por exemplo, Sobral se destacaria com a Fábrica de Tecidos

Ernesto Deocleciano exportando seus produtos para a Europa. Outros municípios concorriam neste comércio com produtos de origem animal e vegetal no comércio regional (óleos vegetais, cera de carnaúba, sal marinho, peles, etc.) fazendo aparecer um significativo contingente de trabalhadores atrelados a estas atividades, para além de portuários e ferroviários. Com efeito, as cidades de Camocim, Granja, Sobral, Ipu e Crateús se destacariam na região com suas associações comerciais, mutualistas, culturais, literárias, dentre outras. A ferrovia entrou em declínio, a partir da segunda metade do século XX, encerrando suas atividades em 1977.

Mas, o que restou destes tempos em que os “monstros de ferro” exerciam não somente o fascínio de uma propalada modernidade? Feito esta breve contextualização, resta-nos compreender como os trabalhadores vivenciaram aqueles tempos áureos e decadentes destes espaços de trabalho. Daí que, uma abordagem sob a perspectiva da história social, com suas importantes aproximações com o universo cultural, permitiu-nos fazer correlações entre as dimensões micro e macro da história. Ao problematizarmos o mundo do trabalho e os trabalhadores urbanos da zona noroeste do estado do Ceará e, mais especificamente, na cidade de Camocim, é preciso ter em mente suas relações com a história nacional, principalmente, a história dos portos e das ferrovias, do movimento operário, do sindicalismo, da militância política, do cotidiano dos trabalhadores, da cultura operária, enfim, de vários aspectos que informam sobre a historiografia do tema.

Renovado o campo dos estudos sobre os trabalhadores no Brasil, poderemos, portanto, pensar as práticas destes personagens sob vários ângulos, dentre eles o da dimensão cultural, livre, portanto, do engessamento das estruturas que animou a historiografia atrelada a um certo sociologismo de outrora. A entrada do conceito de cotidiano, no processo da escrita histórica sobre os trabalhadores, possibilitou que os mesmos fossem vistos fora dos padrões estabelecidos, da rigidez do sistema capitalista. Como sugere Sidney Chalhoub:

O hábito destes homens de assim proceder mostra que para eles o ideal burguês de separação rígida entre lazer e trabalho não tem significado algum: trabalho e diversão estão associados no cotidiano e não são regidos por horários fixos. Mas esta separação pouco rígida entre trabalho e lazer está longe de ser um atributo único de trabalhadores autônomos: as situações de conflito ocorridas em botequins e quiosques mostram que muitas vezes os trabalhadores frequentam estes estabelecimentos nos interstícios da jornada de trabalho, quebrando assim a rotina

de produção que seria desejável do ponto de vista estrito dos donos do dinheiro.
(CHALHOUB, 2001:258)

O olhar do historiador para os aspectos do cotidiano dos trabalhadores ressaltados por Sidney Chalhoub, na citação acima, tem arejado os estudos sobre os mesmos no campo da história social e cultural. E. P. Thompson, neste sentido, observava que os historiadores vinham se dedicando a estudar “o calendário dos rituais e festividades no campo e na cidade, o lugar dos esportes na vida social, os diferentes rituais de trabalho e lazer antes e depois da Revolução Industrial...” (THOMPSON, 2001:237). Ao salientar essa tendência, Thompson queria afirmar também o caráter “cultural” da classe, tanto quanto o “econômico”, tão evidenciado na velha tradição marxista.

Da mesma forma, é preciso atentar para as trocas culturais entre a classe dominante e as classes subalternas, no que diz respeito à transmissão de padrões culturais e estéticos, como chama atenção Eric Hobsbawm (2000) com relação à passagem da tradição oral para a linguagem escrita. Por outro lado, em um sentido inverso, não devemos descurar dos “efeitos pertinentes da presença social das classes subalternas no quadro cultural dominante”, como alerta Raymond Willians (2000). Portanto, é preciso estar atento ao que estes processos provocam no campo da cultura, influenciando no seu modo de produção, tanto nas “instituições políticas quanto no imaginário coletivo e das representações mentais”. (FOOT HARDMAN, 2002: 239). Acredita-se que a experiência dos trabalhadores nos espaços de trabalho, o cotidiano da vida sindical, as relações sociais com os diversos setores sociais, os espaços de sociabilidade, as manifestações festivas e de lazer, as comemorações cívicas e simbólicas são ingredientes de um caldo cultural forjador de uma identidade operária. Neste sentido, cabe analisar os vários aspectos que informam sobre essa construção que, antes de tudo, é cultural, posto que, elaborada dentro dos seus códigos de percepção do real e do imaginário.

Neste sentido, um cotidiano que escapa um pouco da dureza laborativa, mas que não quebra suas imbricações com o mundo do trabalho, pode ser percebido nessa pesquisa. No entanto, a preocupação é dar conta de como estes homens e mulheres procuravam usar o tempo livre na liberação de seus desejos, prazeres e da manifestação de suas práticas culturais, principalmente nos espaços citadinos.

Nesta linha de pensamento, procuramos mostrar o lado peculiar dessa experiência cotidiana dos trabalhadores, desta quase irrecuperável, “tessitura de pequenos atos anônimos e espontâneos que constituem o dia a dia operário, fora das cadeias da necessidade representadas pelos muros da fábrica e pelo mundo do trabalho”. (FOOT HARDMAN, 2002:290)

Este foi o princípio norteador da pesquisa, procurando perceber estes personagens em seus modos de vida, nas suas experiências associativistas, nos momentos de lazer e festividades, nos conflitos do trabalho, enfim, nas suas práticas culturais, entendendo as mesmas como uma ação dos trabalhadores de se aproveitarem o máximo possível das “brechas” na rigidez no campo da produção, assim como dos momentos em que a diversão parece ser “consentida” pelo regime, para extravasar as emoções e demonstrar a criatividade nos espaços das brincadeiras. Exemplo disso, podemos dizer, foram as associações mutualistas, muito criticadas pelos socialistas, anarquistas e comunistas, no contexto da luta, por direitos na Primeira República. Embora tidas como conservadoras, no campo da cultura, como ressalta Luigi Biondi ao se referir à atuação das associações mutualistas italianas, no Brasil em muitos casos.

[...] ofereciam também serviços educativos e culturais, abrigando escolas primárias para os filhos dos sócios, às vezes, profissionalizantes ou até de alfabetização de adultos. (...) É importante ressaltar, todavia, que as sociedades de socorro mútuo desenvolviam uma função de sociabilidade e cultural muito intensa e aberta também aos não sócios, permitindo estruturar, ou revelando, sobretudo no exterior, as redes das quais os membros das agremiações e suas famílias faziam parte. (BIONDI,2013:77-8)

São, portanto, momentos que fogem de uma padronização comportamental requerida por uma ordem capitalista, o que parece ter sido a tentativa do Centro dos Ferroviários da Estrada de Ferro de Sobral mostrada no início deste texto.

Os trabalhadores fazem à festa e caem na folia.

*Na rua que nós passamos
Causamos admiração
Nós somos o bloco do Una
Pelas meninas do meu coração. 5*

5 Quadrinha relembra pelo Sr. Euclides Negreiros, referindo-se ao bloco organizado pela tripulação do Navio Una. Outras tripulações de navios ancorados no Porto de Camocim, quando do período momino também

Os estudos sobre a maior festa popular do país quase sempre se situam entre uma concepção de que as classes populares foram aos poucos sendo incorporadas aos circuitos do carnaval oficial e a interpretação de que foram as lideranças populares que lutaram para afirmar sua “presença nos circuitos mais amplos do sistema, garantindo a ocupação das ruas em tais celebrações”. Tal discordância foi gerada em torno dos debates sobre o projeto de construção da nacionalidade durante o Governo Vargas onde se opuseram as historiadoras Maria Isaura Pereira de Queiroz e Rachel Soihet, no que diz respeito à apropriação do carnaval e do samba no seu projeto político varguista.⁶ Contudo, para nós o que interessa é como o carnaval se insere no lazer dos trabalhadores. Com efeito, parece que uma padronização da festa percebida no eixo Rio - São Paulo não tem maiores reflexos no Norte e no Nordeste brasileiro, onde a festança momina tem outras especificidades.

Desta forma, o carnaval, convencionada como uma festa popular, apesar de, como veremos adiante, conservar as distinções sociais, representado pelo modo e diversidade de como o mesmo é brincado, tanto pela maneira de se fantasiar, como pelos espaços determinados para este ou aquele segmento social, também seduzia os trabalhadores, ávidos por esse momento de extravasamento. Neste sentido, eles também procuram fazer seu carnaval, aproveitando as sedes dos sindicatos para tal, cujos bailes são organizados por sócios ou particulares.

Na falta de um número maior de clubes dançantes na cidade (mesmo porque os poucos existentes não permitiam a entrada de populares), as salas apertadas dos sindicatos eram disputadas, mesmo que entre os trabalhadores existissem aqueles que eram contra a promoção deste tipo de festa, posto que provocavam danos físicos nas mesmas, nem sempre reparados pelos promotores dos bailes carnavalescos. Mas os bailes acabavam acontecendo, não somente nas sedes sindicais, mas também em outros clubes populares, como escreve Artur Queirós:

organizavam seus blocos e saíam às ruas, segundo o mesmo depoente. Entrevista realizada com o Sr. Euclides Negreiros em 25/04/2007. Camocim-CE.

⁶ Tal polêmica poder ser vista em: QUEIROZ, M.I.P. de. *Carnaval brasileiro. O vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992 e SOIHET, Rachel. *A subversão do riso*. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

A *Segunda*, como era chamada na escala social, os demais, se agrupavam em clubes suburbanos, como o *Cruzeiro Sport Club*, o *Lavanca*, na *Rua do Sol*, com o *Zé Pinto de porteiro*, o *Mija Moça*, lá para as bandas da *Rua Três de Outubro* (...) além do maxixe das quengas, lá na *Gameleira*, *Rua do Macedo* e *Pega e Puxa*.⁷

O carnaval, portanto, era um momento de lazer que envolvia os trabalhadores, seja nos bailes nas sedes sociais ou na formação de blocos. O carnaval de rua, segundo os cronistas, era dominado pelos trabalhadores urbanos, existindo, aí, uma clara diferenciação entre estes e os blocos e bailes realizados nos clubes da elite local como *Camocim Club*, *Comercial Clube* e *Balneário Sport Club*. Além disso, nosso cronista que presenciou e se regalou nos carnavais promovidos pelos dois lados, ressalta a diferença da animação dos foliões na brincadeira carnavalesca, comparando-os:

*No carnaval de outrora, em Camocim, apareciam muitos blocos populares, carnaval de rua. Eram de estivadores, dos portuários, dos salineiros, dos pescadores, dos marítimos e vários outros, que recebiam até, estímulo da prefeitura, mediante premiação aos que melhor se apresentassem, mediante a classificação de criteriosa comissão julgadora. (...) Os bailes da elite, no Camocim-Club, no Balneário e no Comercial Club reuniam a burguesia local, com bonitas e custosas fantasias, mas sem o entusiasmo das festas da macacada, longe do puritanismo e da peneira dos fidalgos.*⁸

Com bom humor carnavalesco, a festa da “macacada” parece seduzir mais nosso cronista classe média. Na pequena e pacata Camocim, contudo, essas divisões pareciam não afetar muito o espírito dos foliões e observadores da festa que hoje põe suas memórias no papel. Relembrem com a mesma nostalgia esse período tido como válvula de escape do cotidiano do trabalho, onde se permitem a subversão da ordem e dos costumes, mas, em espaços demarcados, comportamentos, adereços e fantasias próprios.

Na organização desses blocos, encontram-se alguns estivadores, entre eles Sebastião Marques, uma espécie de agitador cultural na cidade, que se envolveu não somente com o carnaval, mas com o futebol e outras manifestações folclóricas. Com o apoio oficial, como se

⁷ QUEIRÓS, Artur. Coisas e fatos. *O Literário*, Ano II, edição 8, fevereiro de 2000, p.3. Camocim-CE. Grifos nossos. O cronista refere-se à “Segunda” como uma classe social composta pelos trabalhadores e demais pessoas que não tinham acesso aos outros clubes. “Gameleira, Rua do Macedo e Pega e Puxa” eram locais onde se instalavam pequenos bordéis e casas de prostitutas, bem próxima da zona onde se localizava o Terra e Mar.

⁸ Id. ibidem.

disse, vários desses blocos animavam as ruas da cidade, sendo premiados em várias modalidades como o melhor estandarte, o folião mais animado, fantasias individuais, dentre outros quesitos.

A liberação das sedes dos sindicatos para a realização das festas, passava pelos cânones morais, que iam desde a presença incômoda das prostitutas nos recintos festivos à concepção individual de um sócio sobre o que era moral ou imoral no transcorrer de uma festa. A questão do lazer, portanto, estava sempre presente nas discussões dos trabalhadores, seja na liberação de suas sedes para a promoção de festas, seja no comportamento dos mesmos nestes momentos de diversão. As diretorias dos sindicatos e associações, de alguma forma, entendiam a importância do divertimento entre e para os sócios e seus familiares.

Afora as festas de cunho diversional como o carnaval acima mostrado, os momentos de celebrações das datas comemorativas, às vezes continham, além do aspecto político, o festivo. O Primeiro de Maio de 1946 em Camocim é um exemplo. Pensado e organizado pelo conjunto das várias entidades de categorias profissionais, saem de seu espaço privado e se mostram nas ruas da cidade. No programa constam desde alvorada, foguetório, sessão solene à passeata pelas principais ruas da cidade, visitando as sedes dos sindicatos, coroando com o comício na Praça 7 de setembro. 9

Desta forma, as comemorações do Primeiro de Maio, nos momentos de alguma liberdade política, como foi o caso do ano “redemocratizante” de 1946, quando o Partido Comunista do Brasil saía da ilegalidade, parecem tomar, além da lembrança do caráter combativo do movimento operário, um lado festivo, o que não quer dizer que, ao assumir esse caráter, esteja desprovido de um conteúdo de combate, de protesto, de conflito. Estes conflitos estão bem explícitos na reportagem jornalística marcada por sua escrita ideológica que demarca bem os campos políticos e lingüísticos da época:

Embora as comemorações do Dia do Trabalho possuíssem um cunho altamente popular e democrático, revestindo-se do aspecto de uma verdadeira festa cívica, os Reacionários e os Fascistas que ultimamente andam muito congregados, por toda a parte, acharam por bem estudar expedientes e armadilhas para sabotar o bom êxito das atividades.

O Sr. Prefeito Municipal, cidadão Francisco Coelho, que cada dia se mostra mais reacionário, caindo, portanto, mais e mais, na antipatia do povo de Camocim, à última hora obrigou o maestro a recolher os instrumentos que pertenciam à Câmara Municipal, a fim de que não houvesse música na passeata.¹⁰

Nota-se aí, uma linguagem bastante influenciada pelos ventos da redemocratização. Há uma intenção de se definir uma associação entre o que se entende por democrático e sua relação com o “povo de Camocim” em contraposição àquela parcela da população que ainda não compreendera a conjuntura atual, denominada de “reacionários e fascistas”, mas, ainda com o poder de atrapalhar a festa do povo. Mesmo que tenha um aspecto de denúncia, o registro jornalístico acaba por salientar a vitória do povo, que acaba providenciando uma banda da vizinha cidade de Granja, fazendo com que a referida passeata acontecesse com música.

A música, como se viu é um componente da celebração, da comemoração. Segundo Francisco Foot Hardman, entre “as sonoridades que se afirmam no espaço urbano, a banda ocupa lugar privilegiado”. Neste sentido, os trabalhadores camocinenses, embora que no Primeiro de Maio acima referido não tivessem tido a permissão de ter a banda municipal animando o desfile, tempos depois organizaram uma banda peculiar – a Banda dos Sapateiros. Segundo ainda o autor citado, a relação da música com o movimento operário é difundido por todo lado, “não só os grandes centros industriais registram essa confluência, mas igualmente as pequenas cidades do interior, as capitais de regiões menores”. (FOOT HARDMAN, 2002:367-8) ¹¹ Embora não tenhamos uma comprovação da atuação dessa banda nos movimentos políticos dos trabalhadores urbanos de Camocim, sua existência é recuperada pelo cronista camocinense Inácio Santos:

Tenho cá eu na memória, saudade especial da banda que durante uma época, até por ser única, animava os festejos da terrinha, principalmente a festa do Padroeiro (...) autodenominei ‘bandinha dos sapateiros’, visto que todos, ou pelo menos 90% dos participantes, eram sapateiros de profissão ou já haviam militado nesta arte. (...) Requisitada esporadicamente sempre que havia necessidade, esses artistas

¹⁰Jornal *O Democrata*, ano I, n.º.56, 15/05/1946, Fortaleza-CE, p. 3. Grifos nossos.

¹¹ FOOT HARDMAN, Francisco. *Op. cit.*, p. 367-8.

reuniam-se e estavam prontos pro que desse e viesse, não havia tempo para ensaios. (...) Outro pormenor interessante é que na bandinha não existia a figura do maestro, todos eram autodidatas da música. Bastavam reunirem-se, trocarem algumas informações e pronto! Estavam afinados. 12

A Banda dos Sapateiros de Camocim, pelo seu caráter peculiar, informal, parece estar ligada mais ao lazer operário, no caso dos sapateiros, tornando-se um importante elo na vida social do município, do que propriamente atrelada a uma entidade profissional ou, até mesmo inerente à formação da classe. Numa rápida conversa com o Sr. Raimundo Aristides, um dos remanescentes desta banda, descobrimos que os instrumentos eram de propriedade da prefeitura local, mas, os músicos não tinham vínculo com a municipalidade, recebendo apenas gorjetas dos organizadores dos eventos em que tocavam ou em troca de uma boa pinga, como no aniversário do Sindicato dos Portuários.

Contudo, não se pode descartar sua participação nas manifestações dos trabalhadores, visto que, como ressalta o cronista, ela era única na cidade, no período em que relembra. O próprio ex-trombonista, Sr. Raimundo Aristides confirma a participação da banda nos festejos do Primeiro de Maio e nas alvoradas dos aniversários das entidades sindicais, principalmente no dia seis de janeiro, dia dedicado aos portuários. Foot Hardman recolhe fragmentos da presença destas bandas como na celebração do Primeiro de Maio de 1906 em Teresina, onde três bandas “acompanharam o préstito”, assim como em 1919, no Ceará, as correntes social-democratas “patrocinam uma comemoração da Tomada da Bastilha (...) onde centenas de operários chegam ao Palácio do Governo, ao som da banda de música do Batalhão Militar”. (FOOT HARDMAN, 2002:368).

Ainda quanto às comemorações, era de praxe serem realizadas as festas de aniversário das respectivas entidades, quase sempre na própria sede dos sindicatos. Para os estivadores, a data magna era o 3 de agosto. Na documentação pesquisada, há uma preparação e uma discussão sobre a viabilidade dessas festas, mesmo porque, as condições financeiras eram sempre colocadas como obstáculos a uma festa digna para os sócios, contudo, sempre se

12 A composição da banda, segundo o cronista era: “No pistom, Truaca, no trombone de pista, Raimundo Aristides, no trombone de varas, Benone, na tuba ou contra-baixo, Sr. Tasso, na trompa, Zé Ribeiro, no sax, Antonio Basílio, no clarinete, João Brito, nos instrumentos de percussão: bumbo acoplado com pratos, o Cabeça, no tarol, Fransquinho Basílio”. SANTOS, Inácio. “A Banda dos Sapateiros”. O Literário, Ano III, Edição 19, setembro de 2001, p. 3, Camocim-CE.

organizava alguma programação. No mês de agosto de 1970, por exemplo, ficou acertado que haveria o seguinte:

*5.00 horas da manhã - Alvorada com foguetes;
7.00 horas missa interna na sede;
9.00h uma sessão solene para todos os associados e suas famílias;
11.00 horas uma caranguejada com aperitivos mesmo na sede. 13*

Este tipo de programação com alvorada, missa e sessão solene era um modelo mais ou menos consagrado nas ocasiões de festejos de aniversários das entidades sindicais. Nas comemorações do 18º aniversário da Sociedade Beneficente Ferroviária em 1950, constou da indefectível alvorada às cinco horas da manhã e do convite para as demais entidades fazerem parte da sessão solene. O que mudava, no entanto, era a parte diversional, às vezes se realizando festas dançantes, jogos de futebol, passeios ou, como neste caso, uma caranguejada. No ano seguinte, no mesmo SEPC, após explicar as condições financeiras do sindicato, que não podia fazer grandes despesas, o presidente colocou em votação a programação, ficando resolvido se fazer uma “alvorada com foguetes, uma missa e depois um café, estas comemorações pela manhã”.¹⁴

Os sindicatos também eram chamados a participarem das celebrações oficiais, principalmente as solenidades da Semana da Pátria. Além da leitura dos discursos oficiais dos presidentes do período militar nas sessões alusivas à data de nossa independência, havia o reforço, o chamamento e a lembrança do presidente dos sindicatos aos associados em participarem ativamente das atividades cívico-patrióticas. Para ilustrar, a Semana da Pátria de 1978, organizada pelo município, previa a presença em dias alternados dos estivadores, salineiros, portuários e operários da construção civil, que deveriam ser os responsáveis pelo hasteamento e arreamento do pavilhão nacional. Além disso, era comum a demonstração da força e perícia dos trabalhadores em competições como o Cabo de Guerra. ¹⁵

13 SEPC/AAGE, de 19 de junho de 1970, Livro 2. Camocim-CE.

14 SEPC/AAGE, de 11 de julho de 1971, Livro 2. Camocim-CE.

15 SEPC/AAGE, Livro 2 - 28 de agosto de 1978. Camocim-CE. A programação da Semana da Pátria de setembro de 1978, constava do seguinte: Dia 01 – Presença no hasteamento e arreamento do pavilhão nacional. Dia 02 – Sindicato dos Portuários. Dia 03 – Sindicato dos Estivadores, com a palavra de um estivador. Dia 04 – Sindicato dos Salineiros. Dia 06 – Sindicato da Construção Civil de Camocim. SEPC/Correspondência recebidas. 1978. Camocim-CE.

Um exemplo de como os trabalhadores são capazes de realizar seu próprio lazer, mediado pelas apropriações que fazem do que vêem em outros lugares ou do que chega até eles, é a *Nau Catarineta de Camocim*, registrada em obra sobre o folclore brasileiro.¹⁶

Com uma miniatura de barca, os trabalhadores deixam as sedes e ganham as ruas representando seu cotidiano repleto das experiências e das relações vividas no interior dos navios. A festa da Nau Catarineta, portanto, expressa uma tradição que se transforma em cada porto, a ponto de existirem várias versões do folguedo por todo o país. É, portanto, no cotidiano do navio que essas manifestações nascem, posto que, como disse um estudioso, “é evidente que ele se tornou um local de encontros, onde se apinhavam várias tradições, numa estufa de internacionalismo de extraordinário vigor”. (LINEBAUGH, 1984: 35)

Camocim teve a sua versão de Nau Catarineta. Segundo algumas informações, o folguedo era uma espécie de auto representado por personagens inspirados na tripulação de um navio, com cerca de trinta ou quarenta pessoas uniformizada a caráter dançando ao som de música e versos ritmados, preservados na quadrinha: “Capitão põe piloto em liberdade/Meu bom piloto se for livre já está/Meu bom piloto se for livre já está/Hoje é dia de festejo não costume castigá/Hoje é dia de festejo não costume castigá” (SERAINÉ, 1978:63) e nas fugidias lembranças de velhos marinheiros. O Sr. Euclides foi testemunha das apresentações do folguedo:

No Parazinho, por exemplo, nos dias de festa, Dia de São Pedro, eles levavam a Barca de São Pedro e quem conduzia (...) era o Cacau, o Cacau se fardava todo de branco, o meu irmão Valdemar e o mestre do rebocador eram os homens que conduziam a barca de São Pedro. Esta barca eu acho que não existe mais... 17

No final dos anos 1940, o estivador Sebastião Marques organizava este folguedo e animava vários pontos da cidade. Infelizmente, não restou muito dessa festa, a não ser o registro na obra já referida e algumas poucas lembranças de depoentes que não ajudaram muito a reconstituir o sentido e a beleza da mesma. Talvez contemporaneamente, o fato de se

16 Nau Catarineta de Camocim. Mestre: Sebastião Marques. Recolhido pelos professores Aloysio Alencar Pinto e Irany Leme. In: SERAINÉ, Florival. *Folclore Brasileiro. Ceará*. Rio de Janeiro: MEC-FUNARTE, 1978, p.63.

17 Parazinho é um distrito da vizinha cidade de Granja, distante cerca de 40Km de Camocim, onde se celebra na primeira semana de julho a festa de Nossa Senhora do Livramento, uma das cinco maiores festas religiosas do Ceará. Entrevista com o Sr. Euclides Negreiros realizada em 25/04/2007. Camocim-CE.

levar ainda a imagem de São Pedro dentro de uma miniatura de canoa compondo o andor na procissão marítima seja uma reminiscência da Nau Catarineta de antigamente.

A procissão de São Pedro, atualmente, ainda motiva a participação dos pescadores. Capitaneando suas embarcações, desde as simples canoas, como barcos de pesca de vários tamanhos e balsas, eles vão ao encontro do barco no cais do porto onde está a imagem do santo, demonstrando uma ruidosa alegria, que destoa de uma característica silenciosa e circunspecta da procissão católica. Observador dessa festa religiosa, o escritor camocinense Carlos Cardeal apresentou em seu romance, “Terra e Mar”, sua ligação com a gente simples da beira da praia. A descrição romanesca ainda guarda muito em semelhança com a festa realizada atualmente:

A procissão de São Pedro começa por terra e termina por terra, mas a grande parte do seu percurso é feito por água. No Rio da Cruz, os mais diversos tipos de embarcações cruzam-se cortando as águas. Enfeitadas com flores silvestres, papel colorido e folhas de coqueiros, elas mais parecem jarros gigantes boiando sobre as águas. Duas da tarde, sob o sol ardente o cortejo sai da igreja de São Pedro. Grande fila de carros segue o andor instalado provisoriamente sobre a capota de um deles. (...) Após a rápida passagem do cortejo, a multidão segue para a praia dos Coqueiros. Lá, grande é a concorrência dos mais afoitos por um lugar nas embarcações. (ARAÚJO, 1988:93)

Afora essas festas que aliam o caráter religioso ao profano e que têm sua realização nos espaços públicos das igrejas, das ruas e do mar, percebe-se, na documentação, que as agremiações sindicais se esforçavam para propiciar o mínimo de lazer para seu corpo associado. Forrós, tertúlias e outras formas de diversão faziam parte das opções que as diretorias dos sindicatos tentavam oferecer aos seus sócios.

Dentro daquela máxima da “terra do já teve”, cabe assinalar que outras manifestações culturais foram extintas e algumas sofrem processo de extinção. A Nau Catarineta de Camocim, Os Marujos ou Marujada organizada principalmente por trabalhadores do porto não foi preservada pelas novas gerações. Da mesma forma o Coco de Praia de Camocim, cantado e dançado principalmente por pegadores de caranguejo, salineiros e estivadores. Não mais é executado e a tradição oral dessa festa parece ter se perdido. Na época em que o SESI – Serviço Social da Indústria atuava em Camocim mais fortemente, nas décadas de 1970 e

1980, o grupo folclórico do coco recebia atenção e se apresentava em suas dependências e outros locais públicos. A Sra. Margarida Vieira, ex-agente do SESI em Camocim ainda relembra sobre o grupo:

“Foi em 1986 que o SESI com o propósito de resgatar a cultura em Camocim criar um grupo de homens (...) para formar a ‘Dança do Coco’. O grupo era composto de 16 homens, pois teríamos 2 para tocar os caixões e 2 para os ganzás e o restante na roda. Os emboladores também tocavam os ganzás. A vestimenta era de algodãozinho tingido da casca do mangue ou do cajueiro para ficar uma cor marrom. Utilizavam também chapéu de palha e dançavam descalços”. 18

Podemos perceber na fala da depoente a relação direta da Dança do Coco em Camocim com os trabalhadores, guardiães da tradição oral dessa dança, procurando na sua execução se utilizar de elementos muito próximos a sua realidade, desde aos instrumentos à vestimenta tingida com tintas de árvores da flora local. Contudo, a grande maioria deste grupo já faleceu, não passando para as gerações atuais o folguedo, além de não existir atualmente uma política pública de incentivo de práticas culturais deste tipo. 19

Em fase de agonia estão o Reisado e o Bumba-meu-boi, assim como as cantorias de viola. Mestres e grupos relacionados com estas manifestações mendigam apoio oficial ou privado sem sucesso. Os brincantes do reisado e do boi resistem com muita dificuldade e se apresentam sem muito fausto, talvez apenas pelo simples desejo de manter a tradição. Os cantadores se tornam visíveis apenas no Festival de Violeiros realizado anualmente no Primeiro de Maio, institucionalizado há pouco mais de uma década, porém, funcionando mais como um evento, sem maiores preocupações com a revitalização da cantoria.

Apesar disso, os trabalhadores continuam produzindo seu cotidiano. Suas referências culturais são outras, talvez um pouco mais prontas pela massificação avassaladora dos modernos meios de comunicação, mas, não deixando de ter sempre um espaço para a inventividade, a criatividade, que os torna ao mesmo tempo globais e únicos.

18 Entrevista com a Sra. Margarida Vieira, professora, 06 de outubro de 2007. Camocim-CE.

19 A Sra. Margarida relaciona ainda alguns remanescente desse grupo como os senhores Luís Jovino, Careca e José Maria. Entrevista com a Sra. Margarida Vieira, já citada. Camocim-CE.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Cardeal de. *O Terra e Mar*. Fortaleza-CE: Fundação Dolores Lustosa, 1988.

BIONDI, Luigi. “Mãos unidas, corações divididos. As sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas”, In: *Revista Tempo*. Revista Eletrônica do Departamento de História da UFF, nº 33, Dossiê: História do Trabalho e dos Trabalhadores: novas abordagens, Rio de Janeiro: 2013, p. 75-104. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/site/wp-content/uploads/2013/01/v16n33a04.pdf>

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad: Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar & Botequim*. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

FOOT HARDMAN, Francisco. *Nem pátria, nem patrão!*: memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ª ed. ver. e ampl. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

HOBSBAWN, Eric J. *Mundos do Trabalho*. Novos estudos sobre a História Operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeceram. In: *Revista Brasileira de História* 6, set.1983, p.7 a 46. São Paulo: Editora Marco Zero, 1984.

QUEIROZ, M.I.P. de. *Carnaval brasileiro. O vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade Vermelha: a militância comunista nos espaços do trabalho. 1927-1950* Fortaleza: UFC, 2007.

SOIHET, Rachel. *A subversão do riso*. Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SERAINÉ, Florival. *Folclore Brasileiro. Ceará*. Rio de Janeiro: MEC-FUNARTE, 1978.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Antonio Luigi Negro e Sergio Silva (orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.